

# Cresce o interesse internacional pela devastação da floresta amazônica

## Pesquisa tem apoio efetivo do exterior

Do enviado especial

MARCELO LEITE

Enviado especial a Manaus e Belém

A Amazônia é a nova "mega-star" da mídia. No próximo dia 20, com a realização do Encontro dos Povos Indígenas do Xingu em Altamira (leia reportagem abaixo), deve voltar às primeiras páginas de jornais do mundo inteiro — se se confirmarem as previsões dos organizadores. Em plena estação das chuvas escasseiam manchetes aquecidas nas chamas das queimadas, mas a Amazônia chegou para ficar.

Pode não voltar a ser tema de editorial do "The New York Times" (como em 8.10.88) ou de capas das revistas "Time" (2.1.89) e "Newsweek" (30.1.89), mas os meios de comunicação reforçarão ainda uma vez a impressão de que a devastação começou ontem. Nem mesmo os dados alarmantes do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe) sobre 8 milhões de hectares dizimados por queimadas podem ser considerados recentes: são de 1987 (os de 1988 estarão disponíveis a partir do mês que vem, se o minicomputador do Inpe não quebrar novamente). O etnocídio contra os waimiri-atroari, do qual o início da geração de energia pela hidrelétrica de Balbina (a 146 km de Manaus, AM), exatamente hoje, é apenas a última gota, começou com a construção da BR-174 (veja mapa na pág. C-3).

Não importa tanto, agora, concluir-se o mundo financeiro e "mediático" (como dizem os franceses) descobriu a Amazônia tocado pela morte de Chico Mendes ou pela pressão internacional de ambientalistas, ou ainda interrogando-se sobre a eficiência dos empréstimos dos bancos multilaterais de desenvolvimento. Além de reacender um debate mofado sobre a "internacionalização" da Amazônia, as investidas em especial de norte-americanos tiveram o mérito de dar publicidade planetária a uma verdade martelada há pelo menos uma década por cientistas e vivida cotidianamente há séculos pelos índios: o ecossistema amazônico, apesar de sua exuberância, não pode sustentar indefinidamente um modelo de ocupação baseado nos "grandes projetos".

A chamada Amazônia legal tem mais de 5 milhões de quilômetros quadrados. Em face dessa imensidão, qualquer iniciativa em escala humana parece irrisória. Afinal, depois de três séculos de ocupação pelo homem branco, apenas 8% — são 400.000 km<sup>2</sup> — da floresta foram desmatados, segundo cálculo "conservador" do ecologista norte-americano Philip Fearnside, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) especializado em números sobre a Amazônia. Fearnside falou à Folha logo depois da visita de parlamentares

norte-americanos liderados pelo senador Timothy Wirth ao Inpa, em Manaus, no último dia 18, em que dividiu as honras da casa com Herbert Schubart, diretor-geral do Instituto. Do mesmo modo, pode parecer pouco inundar 2% desse "vazio cheio de riquezas" para implantar as oito dezenas de hidrelétricas do Plano 2010 e esgotar 45% do potencial hidrelétrico do país.

Na melhor das hipóteses, a lógica extrativista (pastagens, minérios, energia e madeira) tem como pressuposto a capacidade de regeneração da floresta, um mito. Na pior, revela um efeito perverso das quantidades muito grandes, sua negação enquanto tal em favor do qualificativo "inesgotável". Por exemplo: se toda a Amazônia fosse retalhada em lotes de 100 hectares, como fez o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) ao longo da Transamazônica, poderiam ser reassentadas cinco milhões de famílias — apenas a metade do que chegou a se propagar como meta no início do governo Sarney. "A Amazônia não pode ser encarada como uma solução para problemas sociais de fora dela", alerta Fearnside. Até mesmo a aritmética é ignorada sob a grandiosidade dos planos para a Amazônia — para não falar dos poucos e sofisticados estudos interdisciplinares que começam a ser empreendidos por cientistas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), infelizmente ainda distantes do enorme esforço científico que a revista "Newsweek" pretendeu retratar. O Inpa e o MPEG são os dois principais centros de pesquisa da região, cronicamente ameaçados por falta de verbas e de recursos humanos qualificados, algo recentemente agravado pela ameaça de demissão de 40% e 50% de seu pessoal, respectivamente, e pelos cortes no orçamento de ciência e tecnologia. O MPEG, por exemplo, corre contra o tempo no setor de arqueologia, com apenas dois doutores e 16 mil sítios arqueológicos ameaçados de destruição.

### Pés de barro

A Amazônia comporta bem o lugar-comum do gigante apoiado em pés de barro. Nada menos do que 75% dos seus solos apresentam fertilidade baixa ou muito baixa, na classificação dos geólogos. Foram formados há mais de cem milhões de anos e submetidos a intensa lixiviação (lavagem), apresentando-se hoje muito ácidos, pobres em nutrientes e com alta tendência à compactação e impermeabilização. Sobre este substrato indigente ergue-se parodoxalmente uma floresta com altura média de 40 metros, entre os quais estão estocados cerca de 8% do carbono (traço distintivo



Queimada provocada por agricultores ao longo da rodovia entre Cuiabá (MT) a Porto Velho (RO), na floresta amazônica

da matéria orgânica) existente na biosfera, segundo Herbert Schubart.

Uma das teorias para explicar tal paradoxo sugere que os nutrientes dos quais a floresta se formou há 40 ou 60 milhões de anos foram "importados" por meio dos ventos alísios que sopram do oceano Atlântico, espécie de maná em pó lentamente trazido até mesmo do remoto Saara. Hoje ele está aprisionado numa das mais eficientes e complexas redes ecológicas de que se tem notícia, uma teia ou filtro de detritos, raízes, microrganismos e invertebrados que retêm substâncias essenciais como o nitrogênio e a água, numa espécie de circuito fechado, ou quase (a floresta amazônica estoca 70% de seus nutrientes na parte aérea e apenas 30% no solo, proporções invertidas nas florestas do resto do país). Metade da chuva que cai sobre a Amazônia provém dela mesma, da evaporação da água que não chega a ser drenada pelos igarapés e rios.

Leia mais notícias nas págs. A-5 e C-3



A hidrelétrica de Balbina, no Amazonas, que entra hoje em operação

As pressões internacionais ressuscitaram um debate velho de meio século, sobre a internacionalização da Amazônia, retomado anteriormente em entrevista pelo presidente José Sarney. Foi este, na década de 40, o principal argumento contra o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica proposto no âmbito das Nações Unidas, que culminou na criação do Inpa, em 1952.

A internacionalização é hoje um fato — ao menos na área de pesquisa. O Inpa e o Museu Goeldi contam com inúmeros estrangeiros no quadro de pesquisadores, em especial entre os mais qualificados. A "importação" acaba sendo a maneira de contornar a incapacidade de atrair cientistas mais qualificados.

A predominância é de norte-americanos e alemães-ocidentais — como Harald Sioli, talvez o primeiro limnologista a se dedicar aos rios amazônicos. Nos últimos meses, a notoriedade pendeu para o lado norte-americano, nas pessoas do etnobiólogo Darrell Addison Posey e do ecologista Philip Fearnside.

Além da nacionalidade e da idade, 41 anos, pouca coisa aproxima os dois especialistas. Posey trabalha no Goeldi e sua defesa da "ciência" indígena provoca polêmica. Fearnside é pesquisador do Inpa e um dos maiores especialistas em modelagem matemática para prever a capacidade de suporte dos ecossistemas ("carrying capacity").

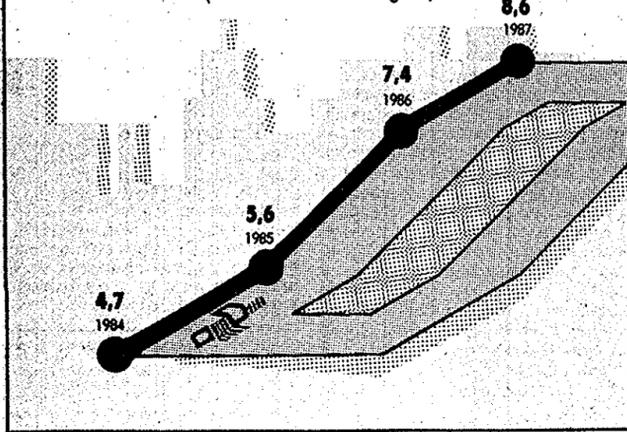
Posey, que obteve seu doutorado sobre etnoentomologia pela Universidade da Geórgia, ganhou projeção extracientífica em setembro/outubro do ano passado. Ao lado dos índios Paulo Paiakan e Kube'i Kaiapó — organizadores do encontro de Altamira —, ele está sendo processado e ameaçado de expulsão por "denegrir a imagem do país no exterior". Posey acompanhou e serviu de intérprete dos dois índios durante viagem a Washington em que estes apresentaram objeções às hidrelétricas do Xingu a diretores do Banco Mundial.

Fearnside, cuja tese de doutorado em Michigan originou o livro "Human Carrying Capacity of the Brazilian Rainforest" (Columbia University Press), chegou às páginas de jornais por meio de um ato de coragem. Apesar de crítico entusiasta da ocupação predatória da Amazônia, papel que exerce com maior desenvoltura depois do nascimento de uma filha brasileira hoje com seis meses de idade, ele veio a público no auge da histeria anti-queimadas para afirmar que os dados do Inpe sobre desmatamento estavam superdimensionados — segundo seus cálculos, foram incendiados em 1987 3,5 milhões e não 8 milhões de hectares de florestas virgens. (ML)

### Indifolha

#### CRESCER O Nº DE TELEGRAMAS EM SÃO PAULO

(Em milhões de mensagens)



Fonte: Ministério das Comunicações

# Índios vão debater hidrelétrica no Xingu

Do Correspondente em Belém

Vinte nações indígenas das Américas (15 do Brasil, três do Canadá e duas dos Estados Unidos), através de seus 1,6 mil líderes, pretendem discutir com as autoridades brasileiras a real extensão dos danos ecológicos e sociais que a construção da usina hidrelétrica de Cararáo, no rio Xingu, vai causar à nação caiapó. A reunião está prevista entre os próximos dias 20 e 25, durante o 1º Encontro dos Povos Indígenas no Xingu, que já tem presença confirmada do presidente das Centrais Elétricas do Norte do Brasil S/A (Eletronorte), Miguel Nunes, no município de Altamira (461 km a oeste de Belém), local da barragem que formará um lago de 1,2 mil quilômetros quadrados.

O encontro é promovido pela nação caiapó e coordenado pelo

cacique Paulo Payakan, 38, envolvido num processo que tramita na Justiça Federal em Belém sob acusação de denegrir a imagem do país no exterior. Payakan, junto com o cacique-herdeiro Kube-I e o antropólogo norte-americano Darrell Posey, pediu ao Banco Mundial, em 1988, a suspensão do financiamento da hidrelétrica. Ao contrário do que os ecologistas já confirmados para o encontro defendem, no entanto, Payakan afirmou à Folha que está disposto a "negociar" com o governo 12 mil hectares dos 3,2 milhões de hectares dos caiapós, "desde que por um valor justo".

O diretor-regional da Eletronorte, Jorge Palmeira, 44, disse que Cararáo será construída dentro de quatro anos, por ser uma obra prioritária para a interligação de energia entre o norte-nordeste e o sudeste do país. Segundo Palmeira, que confirmou a

ida do presidente Miguel Nunes e do diretor de planejamento da Eletronorte, José Antonio Muniz, ao encontro, a usina alagará 1,2 mil km<sup>2</sup> dos caiapós, exigindo o remanejamento de pelo menos 200 índios. A usina custará US\$ 10,6 bilhões e gerará, com o funcionamento de 21 turbinas previstas, 11 mil megawatts de energia.

As 21 entidades conservacionistas brasileiras que se mobilizam para o encontro, porém, vão a Altamira dispostas a pressionar o governo a retirar Cararáo dos planos da Eletronorte. O presidente da Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais e Culturais da Amazônia (Sopren), médico e ecologista Camilo Viana, disse que Cararáo destruirá a cultura dos caiapós, o passado arqueológico do Xingu, comunidades ribeirinhas, sem falar no desaparecimento da fauna e flora nativa. A

construção da hidrelétrica, no entanto, conta com o apoio do prefeito e da população de Altamira.

Segundo a coordenação regional do encontro instalada na agência fotográfica F-4, no Rio, estão confirmados os senadores Paul Staes, do Partido Rainbow da Bélgica, Richard Body, do Partido Conservador britânico, e seu colega Tam Dalyell, do Partido Trabalhista. Deverá vir também Arthur Van Norden, membro do Tribunal Internacional de Amsterdã, e a inglesa Anita Roddick, dona da cadeia de lojas Body Body (especializadas em produtos de beleza natural). A F-4 espera ainda a vinda de representantes do Banco Mundial e do Congresso norte-americano. O Centro Ecumênico de Documentação e Distribuição (Cedi), em São Paulo, não confirmou a vinda do cantor Sting e da atriz Brigitte Bardot.